

a coisa
doSer

Luciano Fontoura de Lacerda

a coisa do ser

Luciano Fontoura de Lacerda

LUCIANO FONTOURA DE LACERDA

REVISÃO: RAQUEL MORAES
CAPA: OSWALDO FONTOURA DIAS
TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES

L 131
LACERDA, LUCIANO FONTOURA DE
A COISA DO SER / LUCIANO FONTOURA DE LACERDA. – CURITIBA : CAJA-
RANA, 2025.

100 P.

ISBN 978-65-991337-7-0

POESIA BRASILEIRA I. TÍTULO

CDD 869.1

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. POESIA : LITERATURA BRASILEIRA 869.1

CATALOGAÇÃO NA FONTE

BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: ANA LÚCIA MEREGE - CRB-7 4667

A COISA DO SER

SELO CAJARANA

ARTE & LETRA EDITORA

Curitiba - PR - Brasil

+55 (41) 3223-5302

@arteeletra

www.arteeletra.com.br

contato@arteeletra.com.br



CURITIBA
2025

Para meu pai
André Luiz Bentin de Lacerda (in memorian)

e minha māe

Rita de Cássia Fontoura Faucz

E para o amor da minha vida Laura Francitorra, João Manuel
Francitorra de Lacerda, Noah de Lacerda Fainer, Isabelle Louise
de Lacerda, André Guilherme Faucz de Lacerda, Rosi Maria
Fontoura Faucz, Erasmo Faucz (in memorian), Juanita Juraci
Fontoura Faucz (in memorian) e Tānia Galvāo (in memorian).

Porque nem toda sociedade é alternativa.

Prefácio

Neste livro de estreia, Luciano Fontoura de Lacerda mira o infinito e a morte, mas acerta a vida e, sobretudo, o sujeito. Não sei o motivo da mira míope, mas não é pouco o que “A coisa do ser” atinge. Se por um lado o livro é comum por estar inserido, pela temática, entre as motivações centrais da literatura, por outro é raro por tão bem tratar o que se propõe com estilo singular. Elegante e fluente, prazerosa e reflexiva, sua escrita é precisa, mas também, quando necessário, prolixia, ora trabalhada com consciência e esmero, ora surpreendendo e surpreendida, com agudez e “insight”. Com capricho e com relaxo como quis algum dia seu conterrâneo Leminski.

Pensei melhor, não há miopia. Ao contrário, quando a palavra de Fontoura de Lacerda aponta o amor e o sonho, o outro e a morte, encontra lúcida e certeira o sujeito. Porque é o ser, como adotado geralmente no livro ou o sujeito, como a psicanálise o descreve, o centro do livro. E quando o infinito, em pura forma ou disfarçado de tempo, infiltra-se em boa parte dos poemas, é menos dele que se trata, e mais do tempo assujeitando o sujeito. Mesmo no sonho, “o sonho sonhado era o futuro que se desfazia”, mesmo na insônia, “se não conseguires dormir conte os infinitos”, o autor descreve o sujeito. Sim, há espaço para o abstrato, não como mera oposição ao concreto, mas

como outra presença no ser, ainda que, talvez como a coisa freudiana, indizível diretamente. E com “esta coisa de olhar as coisas e ver o olhar olhando as coisas”, a palavra do autor lança luz no sujeito, mesmo na “sombra do infinito”, e seus poemas acertam menos o nada mortal e o todo matemático e mais o sujeito que morre todo e vira nada.

Não sei se foi por caprichoso acaso ou relaxado método que Fontoura de Lacerda dividiu o livro em pedaços que partem do amor e chegam à morte. Se eu fosse o editor do livro, buscara convencer o autor, por desatino, a dispensar a divisão, porque os temas, como as vidas, não são estanques. Por mim, podia imitar descaradamente Arthur Schnitzler e apenas intitular o livro “Poemas de amor e morte” e aleatoriamente numerá-los que também estaria ótimo. E assim, menos conduzido pelo autor, o leitor que se virasse para encontrar seus próprios temas. E ele encontraria ou o amor no sonho e o infinito no outro, ou a escrita na morte e o amor no outro, ou qualquer outra combinação. Cada leitor com a sua fórmula — e descrevo melhor a minha.

Desfruto dos poemas e do belo modo com que Fontoura apresenta o sujeito cindido por sonhos, infinitos e palavras, no amor e na dor e, principalmente talvez, pelo outro que há na escrita e há no espelho. Porque é claro que o sujeito é cindido. Sem divisão não há sujeito e o poeta sabe, não quando orienta seu leitor por capítulos, mas sim quando seus poemas não apenas apresentam o sujeito

cindido, como conteúdo, mas também quando emulam, como forma, em versos, a cisão do sujeito e a relação inefável que este mantém com as coisas da vida. Seja no amor, “me reparto em mim e me dou-te metade e em meio mim que me possui me tens por inteiro e único”, seja no espelho, “mesmo cego, enxergo-me outro e me nego três vezes diante do espelho em que me observo”.

Entendo, porém, que Lacerda quis oferecer com a divisão do livro um mapa para seu leitor. Como se fosse não só rigor, mas a tentativa de elaboração, ao modo lacaniano, de um “matema”, próprio e muito singular, com que pensa ser possível transmitir suas ideias e controlar o incontrolável em seus textos. Em geral, no entanto, a boa poesia dificulta o mapeamento de seu território, até para quem a escreveu. No máximo, encontramos um guia de viagem. Porque se o conteúdo é sujeito, a forma é viagem. Com algum exagero também é possível dizer que a paisagem é o outro, e o transporte é a palavra. Mas na viagem circular em torno do sujeito empreendida por Fontoura de Lacerda, na qual vamos e voltamos, em tropeço e pelo avesso, não há apenas reflexões e ensinamentos. Há, principalmente, o encontro com a boa literatura e com a escrita agradável e prazerosa, fluida como afago e irruptiva como coice.

Ao primeiro olhar, é até misterioso pensar que “A coisa do ser” é um livro de estreia. Quando se sabe, porém, que os poemas foram maturados durante muitos anos e

não publicados, talvez por ócio ou timidez, consegue-se entender um pouco tal mistério.

Para dominar, imagino que com amor e treinamento, as formas com que apresenta sua poesia, o autor provavelmente precisou contar o tempo com seu “relógio parado na parede do destino” e assim, fazendo um apelo ao tempo, “deu espaço para o passo lento” ... “cimentando no espaço as paredes do momento”.

Não há problema. “A coisa do ser” valeu a espera e vale a leitura. Oxalá, no entanto, que o autor não pare aqui e nos apresente —, desculpe, tempo, sem tanta demora —, sua próxima obra. Afinal, o poeta que nos ensina e aprende que

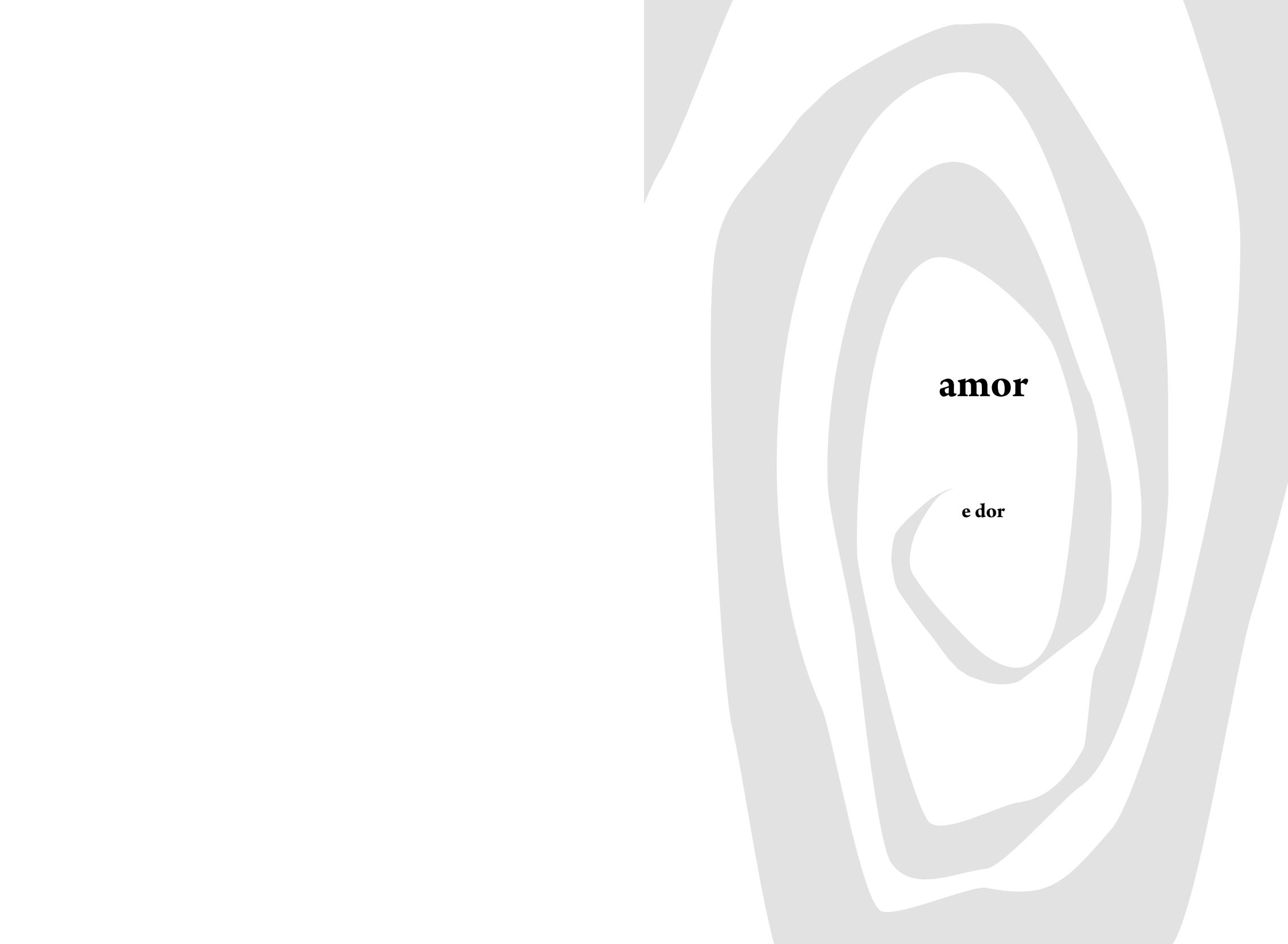
“Escrever não é fugir do mundo,
mas reencontrá-lo dentro de si.

Aliás, escrever, bulas, mulas empacadas,
é recriar coisas em coices e palavras”.

voltar é ir pelo avesso

merece continuar a ser lido. Evoé, velho jovem artista!

Marcio Robert é psicanalista. Mestre em literatura pela UFPR e doutor em psicologia pela USP.



amor

e dor

Eu te amo em cada movimento

amo tua boca se moldando em sorriso
e teu passo apressado contra o vento
amo a dança do teu corpo indeciso
quando o som da tua voz me chega lento

e amo mais em ti o que é meu
teu seio fresco, tua pele morna
e teu cheiro intenso que contorna
meu corpo, quando me envolvo no teu

e se ainda tenho amor e posso amar
na noite eterna em que morro um pouco
amo a desilusão de não poder sonhar
quando não sonhas comigo este sonho louco

Ama-se quase tudo na vida

ama-se quase tudo na vida
os bens, os maus, as mães
ama-se o cachorro, o papagaio
o elefante morto na foto
ama-se o irmão que está longe
os discos, as coisas sem valor
ama-se o carro que não se possui
a estrada em que não se caminha
a varanda da antiga casa
ama-se o desconhecido,
o conhecido, o feitiço da lua
e por certo
ama-se mais o distante
que o perto
ama-se tanto e tanta coisa
que, tonto, tento amar coisa nenhuma
e acabo amando tudo pelo avesso
não amo o cigarro,
mas a fumaça que se fuma
não a vizinha, mas a mulher que não conheço
certo que na dúvida
melhor é amar nem que seja o duvidar
amar qualquer coisa mesmo
o reencontro, a controvérsia

a conjugação de qualquer verbo
ou não, nada mais, e então
desprezar tudo
não crer no encontro
duvidar da tabuada
lembrar que todo momento
se desfaz em nada
e num lamento
amar menos o amor
que o sofrimento

Talvez

Talvez a gente tenha medo
Talvez a gente tenha morrido
E depois ressuscitado
Ou talvez, fraqueza do nosso
segredo,
Tivemos um sonho a dois
Mas estávamos acordados

Amiga

Sabe amiga, desde aquele primeiro janeiro
Um janeiro intenso e comovido
Nunca um outro janeiro me trouxe tanta
chuva na face
Neste tempos áridos, em que os anjos
recolhem as asas ressecadas
Qualquer lembrança anda me irrigando
Numa praia qualquer, em qualquer momento
Estas estrelas são as mesmas, não te
recordas?
As mesmas sim, que nos vigiavam na areia
E a lua imensamente única
Também parece ser um retrato
Daquela tua lua
Bem verdade que os tempos são outros
Os homens mudaram
Alguns destros hoje são canhotos
E os meninos, veja só, como cresceram
Eu mesmo mudei
Moro agora no centro, rodeado de
urbanidade
Mas ainda declamo as ovelhas para Marília
ouvir
Sabe amiga, é doce amargo o cheiro da

saudade

E você que anda tão linda

Anda tão distante ainda...

Aquele poeta hippie continua com o teu
colar

E o meu espelho, à pouca luz, ainda reflete o
teu olhar

Tão reto, tão certo, tão tudo

Teu olhar mudo que me cala o grito

Amiga, me escreve uma carta, me manda
um incenso

Me pede emprestado um dinheiro, um livro,
uma vida

Veja como cresce a grama

Veja como queima o sol

Veja como é triste não poder chorar na
minha despedida

Te esquecendo

Pretendo te esquecer em breve.

Por enquanto esta dor me serve.

Lembrança: masoquismo leve.

Vem

Vem, talvez eu sorria na tua face
Talvez disfarce e lentamente passe
Mas ao passar pela minha face
A tua, face outra de uma mesma face
Também num próprio disfarce, passe...

Do lado do lodo

Todo mundo tem dois lados
O de dentro e o de fora
Simétricos a si no inverso
Daquilo que se deteriora.

Em que o tempo espaço
do ser se confunde com o todo:
Universo, traço, abraço.
Poço de amor...lodo.

Duplo

Sou dúvida, duplo e inconsequente
Me reparto em mim e me dou-te metade
E em meio mim que me possui
Me tens por inteiro e único
Pois somente assim sou-te fiel
Inteiramente

Pessoas

E assim são as pessoas
Algumas más, outras boas.
Umas nos deixam sós
Outras nos fazem nós.

Quase todas morrem uma hora.
Muitas antes de morrer
Já foram há muito embora.

Raras as que ficam brilhando
na estante da memória.
Estas valem um poema
Lágrimas desta história.

Intrigante

Não é qualquer
Forma de amor
Que me seduz.
A sombra me intriga
Mais do que a luz.

Dias tristes

Prezada,
teus dias tristes passarão
e tenha certeza: outros dias virão
talvez tão tristes
quanto estes
mas de uma tristeza diferente
também virão dias felizes
dias nublados e dias ausentes de sentimento
virão tantos dias, uns logo atrás dos outros, que
tuas feridas farão cicatrizes
e as cicatrizes...secarão
virão dias em que estarás sozinha, outros em que
terás alguém pra soprar
em teu ouvido alguma canção desconhecida
haverá dias em que gritarão no teu ouvido também
como eu, pateta disfarçado
que em dias doídos de tristes, gritei
dias e também noites
noites de novos amores
novos sonhos, novas desilusões
serás amada e amarás
serás enganada e enganarás
círculo interminável
diamante intacdo que preenche a vida

e depois de muitos
muitos dias terem passado
verás que os dias correrão mais lentos
menos afoitos
longos momentos pra respirar os dias perdidos na
memória
lembraiás desde o teu primeiro dia
e verás todos os outros
talvez sintas uma pontada nas costas
sinal de nostalgia
não de arrependimento
e então poderás olhar o passado
e com calma
relembrar de cada dia
de cada instante
dos momentos felizes e dos sofridos
e quando fizeres isto
eles não serão alegres nem tristes
terão sido apenas...dias vividos.

O mar

não vejo pelo mar à minha frente
tua morena fronte distante
o mar não traz outras águas
nem é salgado pelas tuas lágrimas
um outro mar talvez exista
em outro mundo...
num lamento único ouvirei tua voz
e minha voz o vento não levará
em outros anos lunares
outro encontro
ansioso controlo o tempo
em que lugar morreste?
em quais lugares chorarei a tua ausência?
não, não é deste mundo o nosso destino...
um outro encontro talvez,
talvez definitivo...
não lembro do teu rosto
não sei mais o teu nome
sei que talvez não existas
ilusão de noites de insônia
acordado perturbo as madrugadas
e fecho os olhos d'alma do meu ser
há um grito noturno, ouviste?
o sol tenta iluminar minha face doente
mas é um eterno e triste amanhecer

Entres

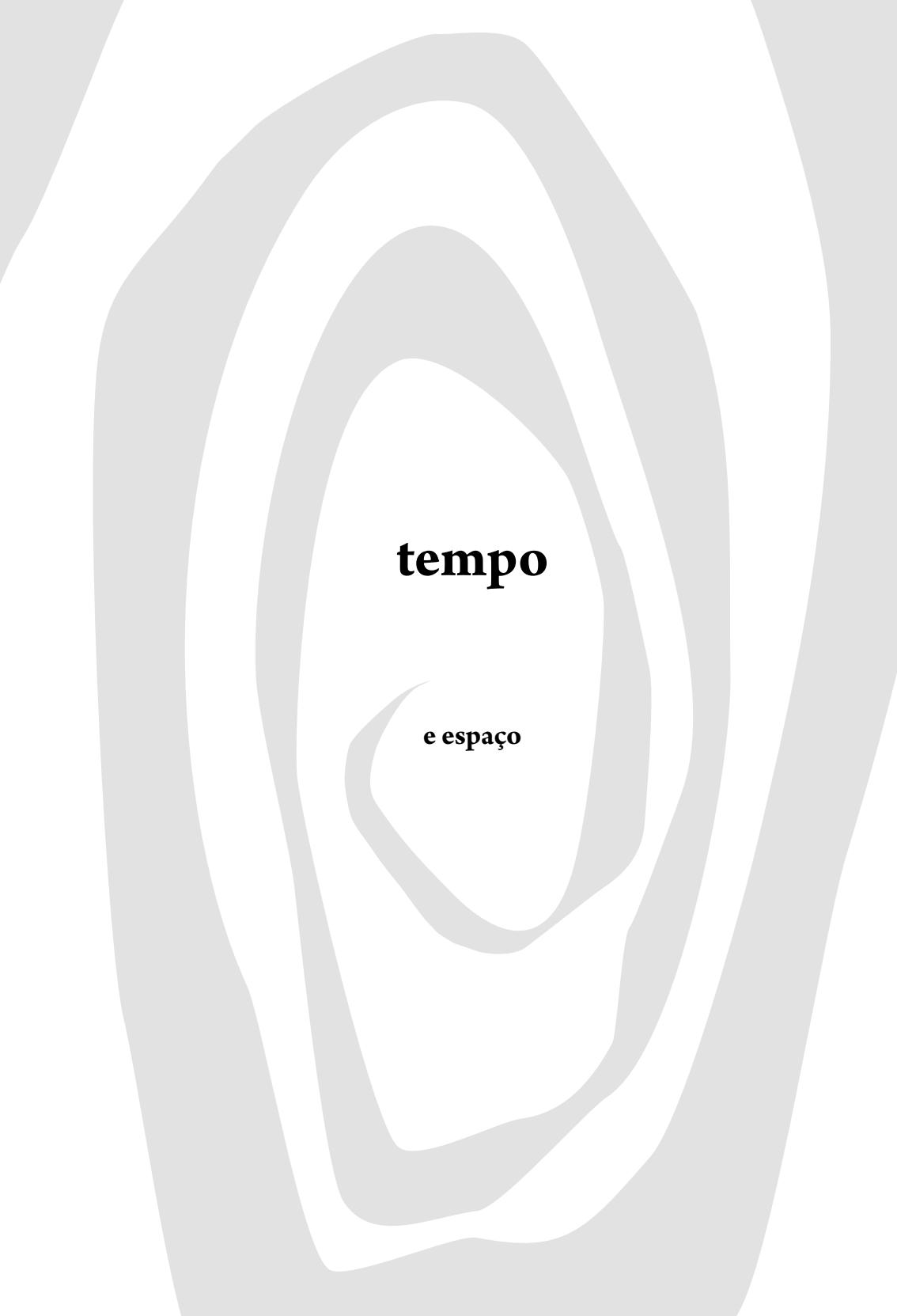
Entre o teu arrependimento
e o meu apartamento
os quarteirões enormes
guardam na distância exata
a chave da tua volta.
Encostado à porta, de dentro,
ouço teus passos na escada.
Um abismo de geladas verdades, intransponível
vendaval
de memórias e saudade
separam a tristeza do agora
do inacessível último degrau. Ouço, na sala abandonada
em que te espero,
o ruído ausente do teu repouso.
Lembro do gemido rude do teu gozo.
Ouço agora teus passos no corredor interminável.
Então levanto abrupta
e corro meus olhos
pela porta aberta...
teu vulto, sob a luz amanhecida da saudade,
volta pelo triste tempo em que a vida entristeceu.
Vejo tua sombra sumindo,
sinto pena de mim mesma, depois volto pra sala
e adormeço pra sempre.

Tudo que cantei

Todo que cantei amor foi confissão
Ato de repor. Se cantei, tentei em verso ordenar o
Eco. Me repor no que retorna, isto
Que é do outro, reflexo.
Tudo que cantei amor foi ilusão
Ato de depuração
Se menti, insisti no dito que explode. Sinceramente
invertendo o ódio em ode.
Tudo que cantei amor foi refluxo
Hérnia de hiato
Vômito purificador
Um pôr pra fora
O que do âmago
Irrompe
Dor de estômago
Tudo que cantei amor foi calafrio
Rio de mim
Em vazante desvario
Consoante inútil, amor, imprecisão. Tudo que cantei
Tudo
amor em constante blasfemação
Tudo que cantei amor foi cavalgar
Cavalo indômito.
Coice certeiro.

Cegueira

Sou cego sim, tenho em mim
um ego iludido em alegria
Em muitas noites penso que te pego,
mas te pegar é como abraçar a ventania



tempo

e espaço

Tempo que Vai

O tempo não se para
Vai vai vai
Só separa o antes do depois,
Intervalo inexistente.

O tempo pontua no instante
Seu vácuo de preenchimento
E vai vai vai
Cimentando no espaço
As paredes do momento.

(o tempo pontua no instante
seu vácuo de coisa preenchida
e vai vai vai
cimentando no espaço
o caminho de sua própria ida)

Silêncio da ampulheta

Se o ontem é antes
Dirá o hoje do após
Que mesmo distante
Ainda estará em nós

Se o tempo é sempre mais
O instante é vácuo obtuso
Que quanto menos distrai
Mais nos deixa confusos

Tic tac, relógio em silhueta
O tempo apenas seria
O silêncio da ampulheta?

Ou é o círculo que se inicia
Onde termina o abstrato
Em completa simetria?

Apelo ao tempo

Faço um apelo ao tempo:
Dê espaço neste mundo
Para o passo lento
De te contar segundo.

Se preferir angule o pêndulo,
Engrosse os grãos da ampulheta.
Segure com força os ponteiros,
Retarde as órbitas dos planetas.

Mas imploro que não se inverta
Não invente seta inversa de recomeço.
Não feche esta porta aberta
Pela qual avançamos em tropeço.

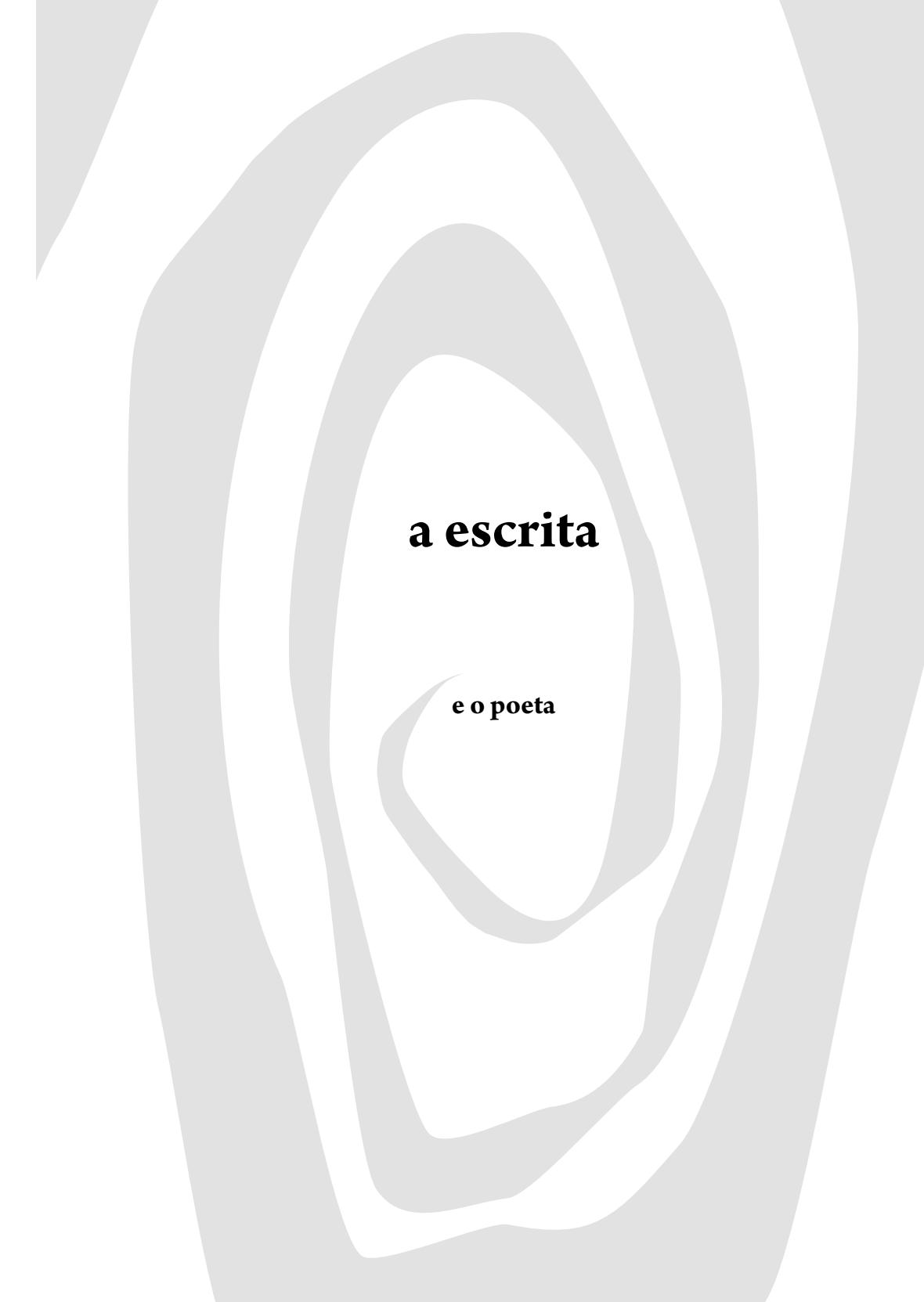
Em queda livre porém lenta
Que a vida avance em entropia.
O tempo se esvai pelo ralo da pia
Redemoinho que nos representa.

Fractal

em curva o infinito avesso
reveia que o velho novelo
tem pra fora um novo relevo
eixo de si num plano espesso
um tapete que desde o começo
emaranhado em tempo longevo
é tecido pra dentro do inverso
encontro do ponto no espaço
passo do primeiro tropeço

Menos Zero

Se um dia souberes de todas as
estrelas
E de cada grão de areia de toda praia
distante
Então de nada se fará teu infinito
drama
E poderás, em paz, encerrar a
contagem regressiva.
Terás que negativar os gravetos
e talvez necessites empilhar os cubos
de gelo que em vão derreter-se-ão
na superfície inclinada.
Exasperado, implorarás pelo zero
silencioso da ausência.
Do decimal restarão apenas os dedos
das mãos decepadas.
O ser, contido, contado...
Recolhido em infinitos nadar.



As horas passam

As horas passam, eu espero...
Que passem logo, rogo, desespero.
E ao passarem, as horas, deixam
rastros de tempo vazando
pelo orifício da ampulheta.

As horas pesam, gravidade
Que registra no fluir da areia
O fluxo do escorrer do tempo.

As horas, não o tempo, passam.
O tempo fica, imóvel, relógio
Parado na parede do destino.

a escrita

e o poeta

Página virada

não me incomodo em ser a página virada
se o livro todo for lido
afinal, nada não é nada
que não poderia ter sido

Por mim fala a estrutura

Não falo, sou falado.

Não movo, sou movido.

Isto que agora digo

Foi coisa que escapou do ouvido.

Esta estrutura não escuta

A voz de quem cochicha atrás da porta.

E quem salta desta altura não fratura

O fêmur desta perna torta.

Quem fala pela minha boca quando atuo?

Em que páreo solto meu corpo

como cavalo de umbanda ?

De quem é o sal da gota que suo?

Quando meu corpo transpira no gesto

O movimento da ciranda?

E quem vê pelos meus olhos marejados?

Na cena da morte da bezerra

As lágrimas falsas deste outro que me

comanda?

Solipsismo

Tenho um problema comigo

Dilema do próprio umbigo

Escrevo pra dentro

Feito arroto interrompido

Então é como se o mundo

Nem existisse pra mim

Escrevo sobre o profundo

Solipsista que há em mim.

No rasgo que me observo

Vejo a insígnia do nada

Fresta do dentro, absurda

Fechadura estragada

Um vazio, uma noite calada

Nem o silêncio reverbera

Pelas mucosas coladas

Escuto-me em ecos, grafias erradas

O mundo não existe...

Diz o poeta.

O mundo responde:

Ao dizer-me (ausência) me cria

E me criando em palavra

Faz dessa ânsia...poesia.

Além da coisa

Além do texto não é a coisa.
Esta não existe além de nada.
O além do texto
é o pretexto
da coisa ensimesmada.

O além é uma palavra,
o texto, várias delas encadeadas.

Na lógica do gramático o nada
é o fundamento do dramático.

A rima é o liame exasperado e
o sentido
aquilo que o poeta deixa de lado.

Poeta do absurdo

Talvez exista um poeta do absurdo
Gritando como um louco
Para os ouvidos surdos de poucos

Talvez de sua pele escorra
O líquido cruel do pensamento
Mas que agora lentamente morra
Esta vontade insana de querer
Agarrar o infinito num momento

Por que se o tempo é assim, senhor
Exáspero e afoito
Não haveremos de querer explicar o amor
Num único coito

Poema eclipsado

Escrever não é fugir do mundo,
mas reencontrá-lo dentro de si.

Aliás, escrever, bulas, mulas empacadas,
é recriar coisas em coices e palavras.

A extensão perdida entre o centro e o horizonte.

Do objeto, apenas o contorno que o pôr do sol ficcional
revela.

Do sujeito, óculos escuros.

O eclipse do poema não pode ser visto a olho nu.

O olho da rua do poema

entre por onde ninguém entrou
no buraco da agulha
na toca da raposa
saia da cartola

navegue por mares secos e revoltos
e volte, com o vento, a tempo
do chá e da novela

caminhe pela estrada perdida
e se ache na esquina da rima
naquela rua do poema
que o carteiro esqueceu

A sério

Nada do que eu falo é pra ser levado a sério
Mas quando me calo, eis o mistério
Palavras se apresentam a cada instante
Mas a de agora não é igual à de antes
Algumas, porém, as mais profundas
Quando me aparecem noturnas
Em essência ou em fragrância obscura
Estas me envolvem em tal sabor
Que é delas o estrondo que soa
Quando não sou o que digo eu sou.

Meta

A meta do poeta não está na métrica certa,
Pois a seta lançada em texto no alvo liberta
A letra do fonema, impondo ao acerto
um instante de breve caos liberto.

Somente os taciturnos acertam a cacofonia
Criativa da insistência do vocabulário exato.
Cíclico é o universo em desarmonia
Aflorando cada potência em ato.

Ao curvar-se, humilde, perante à musa,
O poeta declama antes que derreta
A cera que o impede de ouvir quem o acusa

De hipnótico delirante de palavra.
E de tanto versar em reflexiva meta
Se recria nos versos que na língua trava.

Receita para um poema

Tenha um bom repertório.
Conjugue alguns verbos.
Senão uma rima
ao menos uma boa proparoxítona.
Releia tudo. Desfigure-se.
Fale um pouco da avó falecida.
Use a palavra hermenêutica.
Passe a mão esquerda na testa.
Levante-se da cadeira.
Sente-se novamente.
Canetas, várias.
Papéis espalhados.
Recite Drummond. Joões. Josés.
Volte à farra. Lembre-se do boi.
Esqueça da lâmina. Lamba a mesa.
Não tente traduzir Shakespeare.
Espirre o pó da biblioteca.
Só vista o que possa despir.
Se passear, bicicleta.
Quando voltar lembre-se de mim.
Perca-se nesta rua de mão única.
Cite sempre Walter Benjamin
Faça deste ofício uma súplica.
Roube algumas rimas da estante.

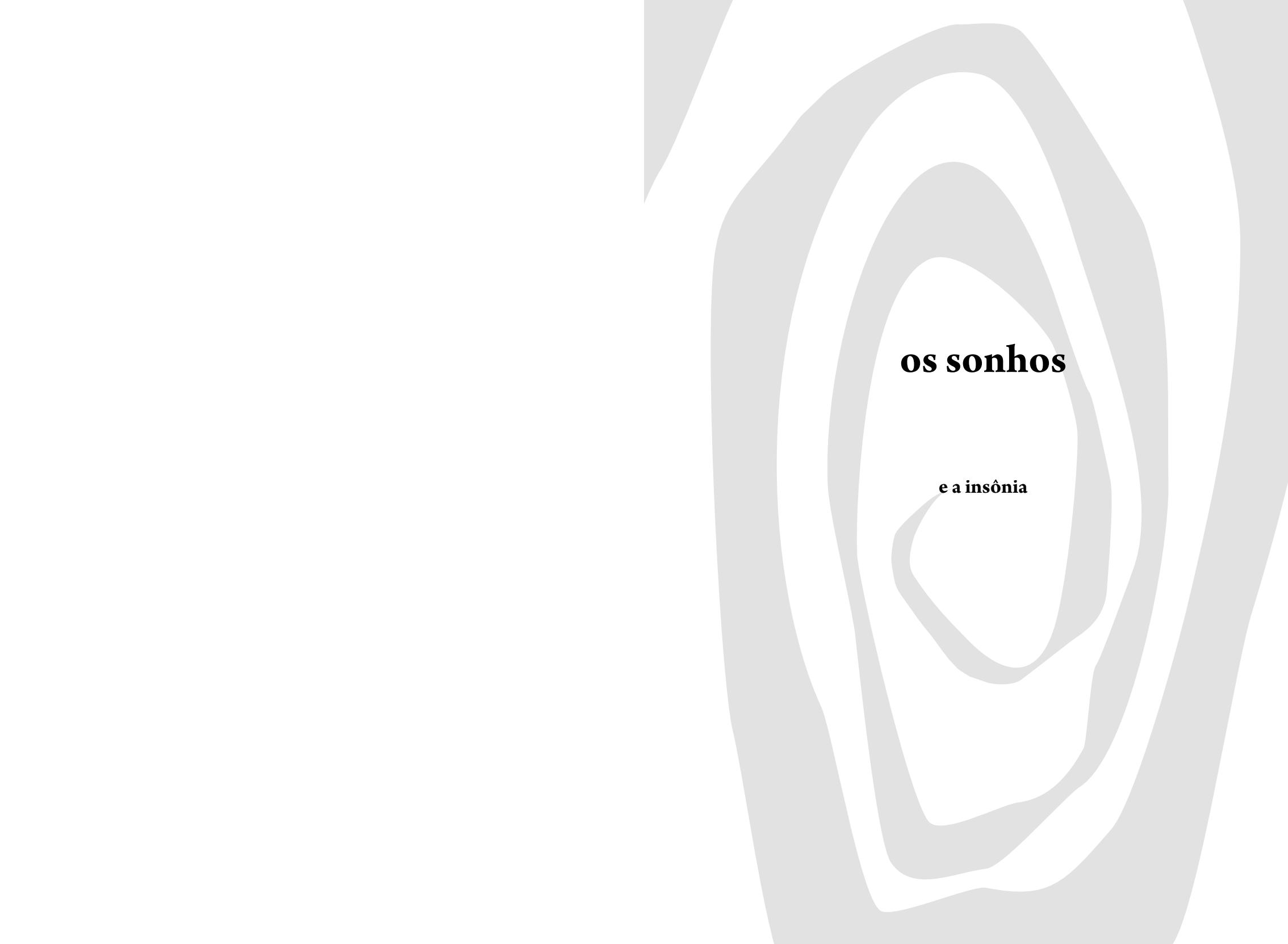
Consulte sempre o dicionário.
Durante o dia: diletante.
À noite: um underground falsário.

Rima pobre

não facilito
minha rima é pobre
meu verso é grito

Coletânea

Infados poemas mal começados
que coletânea comportaria?



os sonhos

e a insônia

Sonhos

nunca me ocupei de sonhos
sonhos são objetos da memória
esquecido sou e suo à noite
durmo de bruço, barriga cheia

meus pesadelos não te causariam medo
não preservo imagens
reminiscências, só as que escapam pelos
travesseiros

porém, ontem à noite, lembro-me bem
e isto já parece um sonho impossível
você descascava um abacate com um
canivete
me olhava de lado semelhante impassível
dizia em aramaico o que eu bem entendia
além do de sempre, palavra ruído ou gritaria

mas me dizia: se acordarmos deste sonho
teremos insônia de dia
e eu entendia mas não respondia, afinal

o sonho sonhado
era recado do recalcado
que me confundia

ao dormir dentro do sonho despertávamos com euforia:

o sonho sonhado
era o futuro que se desfazia.

Invenção do sono

Se não conseguires dormir
Na noite que se interrompe
De dentro da tua insônia
Pergunta à madrugada soturna
De que são feitos os sonhos
Que fogem enquanto se impõem
Com falsas memórias noturnas
de fugidio sentido e engodos de desesperos,
Novelos emaranhados em tramas
de errados desterros e enredos.
Impossíveis trampolins de quedas
ornamentais,
Voos de subsolo em cavernas de cantos
diagonais.

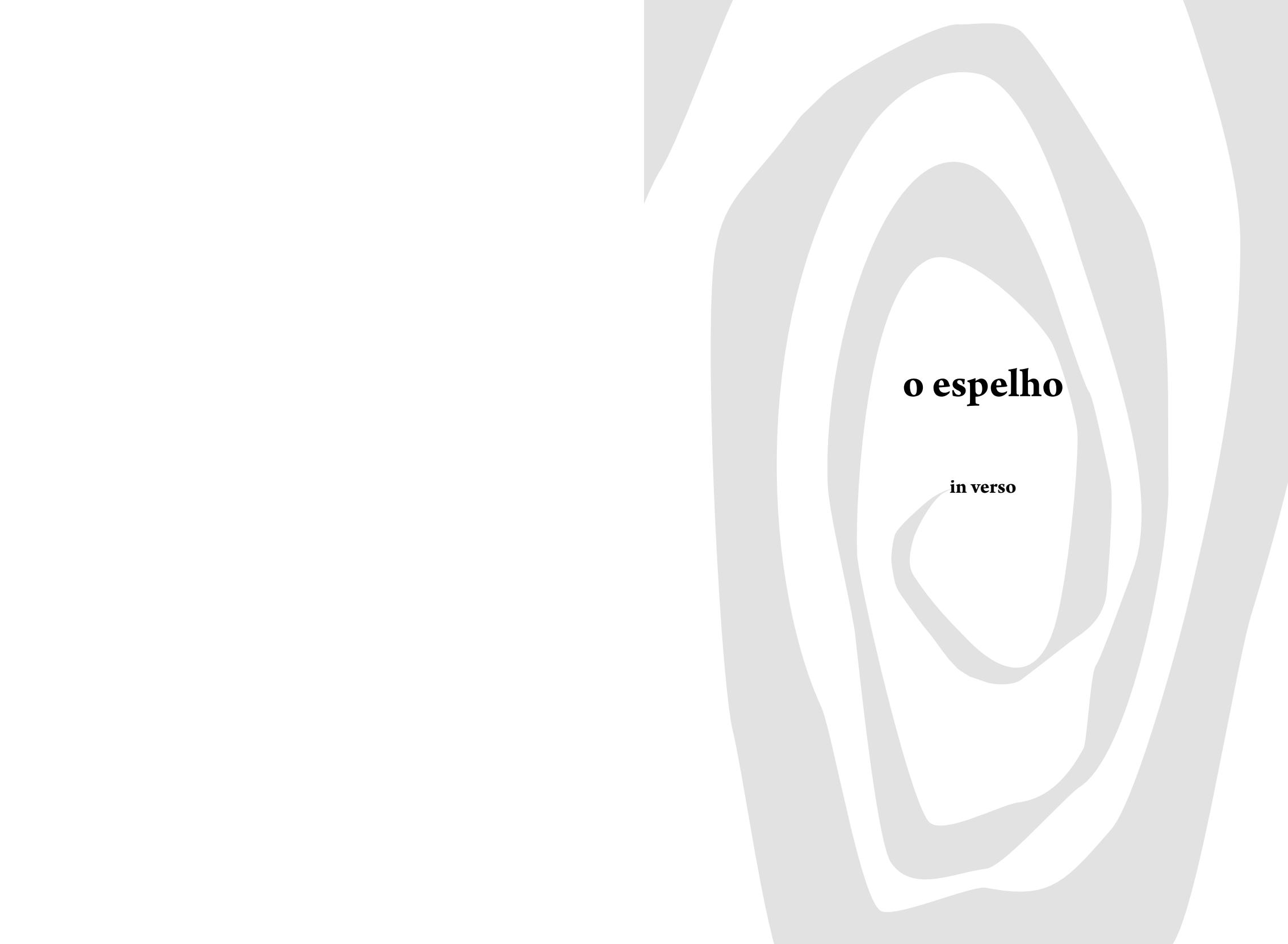
Se não conseguires dormir
Inventa o sono desejado
Cole as pálpebras, ronque pelo estômago
Suspire exalando o âmago e do peito
sussurre as ásperas palavras de
sonâmbulos.
Encurve os ângulos, capitule às lágrimas,
Rabisque o embaçado espelho do cômodo
enquanto

Embala a angústia pálida e trágica da noite
tragada.

Se não conseguires dormir
Reconte os infinitos
Até ovelhas evoluírem em vãs cobertas
e lãs aquecerem o inverno da alma
em calma repetição do mesmo,
Mas se por um momento cochilares
sinta a morte por dentro
ressuscites no terceiro soluço
desperte num salto de espanto
a chuva da insônia insistente
reverberando no telhado e na alma
o acalanto do último pranto.

Insônia

Que dos olhos a luz em fuga
Espante o sono de quem madruga
Pela insônia imprópria de despertar do sonho
Não que o desperto seja de consciente ato
Porque o espanto de acordar em salto
Do abismo que inconsciente imponho
Faz da noite uma impossível queda
Faz da consciência um paraquedas
Pra mais um dia amanhecer medonho.



o espelho

in verso

Espelho

me pensando nestes diálogos
concordo com meu alter ego
quando me aconselho
e mesmo cego
enxergo-me outro e me nego
três vezes diante do espelho
em que me observo.

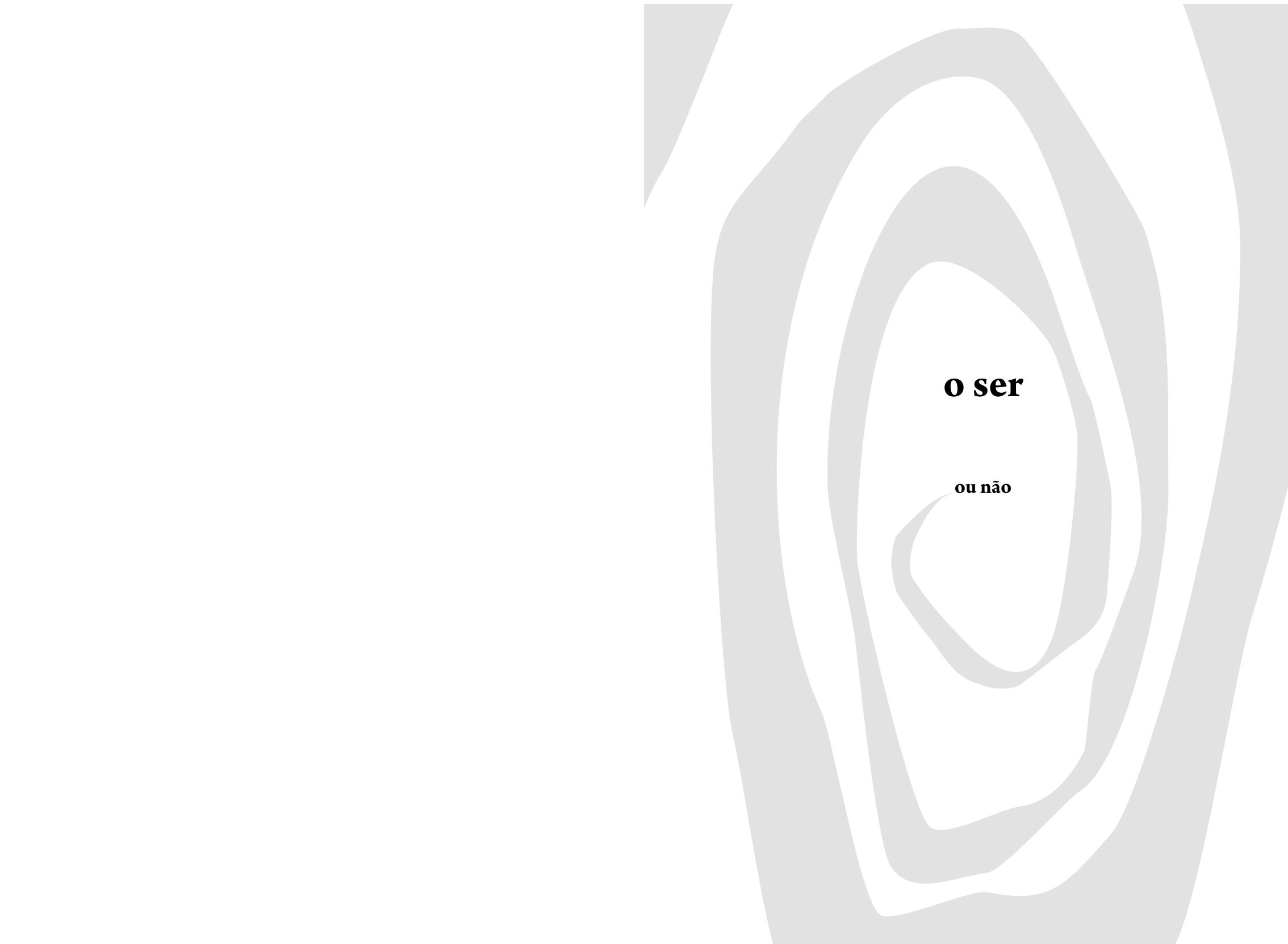
e negando a mim mesmo
e à negação,
negocio com esta imagem o que sou
e me refaço em cacos, em ecos,
em traços, reflexos de aliteração.

O outro

o outro se esconde
e não há olhos que o descubra,
o outro é a mancha disforme
por detrás da bruma,
o outro é a espiral que sobe quando se fuma...
o outro é isso: todas as pessoas numa.
o outro é o que fica no espelho,
antes que a imagem suma.

Impostor

O outro que em mim altera
O que sou
sendo da mesma periferia
Acerta o imposto
mantendo
Igual o que alteraria.
E cobra demasiado preço
Pelo que me melhora com
calma
Uma rua asfaltada no
peito
Uma calçada pisada na
alma
Assim dessa vida me
tributo
O impostor é esse outro contra o qual labuto.



o ser

ou não

Olhar a coisa

Esta coisa de olhar as coisas
E ver o olhar olhando as coisas
É coisa fenomenal.

E o olhar que sobre a coisa pousa
É pouso de pomba branca
Pousada no varal.

E a coisa que sob o sol seca
É coisa do pássaro que defeca
Impunemente no quintal

Que o olhar se perca em secantes
Que pássaros em rasantes
Desenham em voo oval

Faz da coisa uma coisa antes
Faz do olhar um voo distante
Ovo da coisa, coisa e tal.

Acasos

A vida pode ser
puro acaso,
como a chuva
enchendo por último
o vaso mais raso.

Mas há casos
em que o que se sabe...
da água que se fez vinho,
do vinho que se faz vinagre...

E o antigo medo
que desde o ninho
na boca não cabe:
este gosto de acaso,
azedo milagre.

Questão para um otorrinolaringologista

Todas as coisas se elevam
quando o espírito da poesia aterrissa.
Talvez pra fugir das palavras
as coisas precisem de asas
e haja anjos agindo
naquilo que do espírito se esvazia.
No eterno foguetório
do inferno carcomido
o etéreo som estéreo
vem como um estalido.
Voz de Deus ou um zumbido?

O ser

Será que o ser é presença,
fato, coisa consumada?
ou devir ininterrupto,
rapto, nada carcomido,
coisa consumida
em inevitável liquidação?

Permanece o ser?
ou Parmênides
em explícito ato de esquecer,
fez do olvido
a oração do ser esquecido, pergaminho engolido
pela garganta do futuro?

Permanece o ser?
ou pela manhã
esvanece
o ato de permanecer?

O que dura do dia
é seu retorno.
Do sol, vemos apenas o contorno
que no céu nos tangencia.

Anoitece. E o que nos resta
é um vão, uma fresta
pela qual espiamos o dia
e uma réstia de epifania.

Nos cega a vista exumada.
O ser é a coisa consumida,
mais nada.

Símbolo

Dante do símbolo
O crente se esfacela
Será que o que vê
É coisa que se revela?

Dante do símbolo
Mente o ser de pouca fé
Será que o ser
É o que se lê?

Conselho

Conselho é coisa de velho,
destes que estão morrendo.
Sentado na varanda beiro o rio em preguiça
auditiva.
Novamente a mesma história,
que de tanto recontada
não passa nenhum segredo.
E atento ao desperdício
penso que as rugas e a velhice
revelam falsos relevos
em perdidas superfícies.
A ironia da história mal ouvida, o velho,
ou a vida recontada pela idade.
Só há um conselho:
minta sorrindo que é verdade.

Fantasmas

Acompanhado de fantasmas e memórias

Desamparado e caminhando sem destino

Duvidando do caminho e da história

Que reconto sobre o próprio desatino

Ouvindo os próprios passos na calçada

Som da solidão que me acompanha

E cada pedra no caminho grita: Nada!

E nem ninguém nesta jornada que é tamanha

E o começo de uma nova caminhada

É o tropeço no cachorro que se entranha

Ali na rua pela densa madrugada

E sonha com a sua própria morte estranha

Última visita

Em sua última visita

Seja imperceptível pessoa.

Atravesse as paredes e em silêncio

cumprimente o vento e os mortos.

Não gesticule saudação, sorria com os olhos

E não permita que reverbere o som

Das lágrimas caídas nos cristais.

Seja contida presença e, cúmplice da ausência,

Faça do tempo uma flecha invertida,

Da sombra na pele a quentura da ardência

E do sussurro inaudível a palavra sentida.

Em sua última visita

Desafie a demência e anule da memória

a esquisita mania de impostura clemência.

Repita a história,

conte mil vezes o que a alma anima.

Porque o adeus é um pra sempre

que sempre termina.

Gravo

gravo a grave greve
povo novo no poema
ovo da serpente e verme
no garfo do fonema
na fome do problema
grafo na grande gruta
um traço de paleo meme
bisão búfalo ou truta
a tela sempre parede
enredo em disputa
grito de sobrevivência
uivo de dor divina
crise de classe ou consciência
trabalho dom ou sina
lutar senão em vão
com palavras e drummonds
e no entanto nos rompemos
para fora de nós mesmos
num todo de organismos
em desacato simbolismo
pelas manhãs de lirismo
coragem pra aceitar a fuga
que a velha poesia em rugas
e rugas entre a palavra e a ação

concebe um poema
não foge à luta
grosa a lâmina da conduta
em rima e indignação.

Mantra

O vento venta
o espanto espanta
quem colhe tenta
inventar o que planta
e de que se alimenta
quem não janta?
se a Santa nos protege
com sua manta
basta um ser que cai
pra outro que se levanta
mas não adianta
o que vem depois do tempo
não se tampa
e é o nada que se inventa
em coisa tanta

Quem

Quem tem medo do que não é si mesmo?
Quem tem no outro um espelho de cinismo?
Quem refuta o cosmos num sinal de lirismo?
Quem, a não ser o ser, se encontra perante o
abismo?

Domina sancta paupertas

Quantos Franciscos se despiram para
morrer
Para que esta senhora escolhida
Se revelasse em fé?

E quantos não se despiram
E quantos para morrer
Preferiram as vestes fúnebres
Para que ao menos na morte
Alguma riqueza em ritual
Pudesse compensar a falta de fé?

E quantos insistem em não morrer
Preservando o corpo e sua nudez
Dos olhos mortos que tudo veem?

Contradição

Assim como nada é absolutamente igual a
outra coisa
Tudo tem um algo vago
que nos iguala em
terceira pessoa

Prisma

O brilho das pedras do ábaco

Prismando algo...um ritmo...

Algoritmo impune

Que tortura com luz o vaga-lume

Neste prisma cibرنético a luz

Dos olhos de um engenheiro epilético

Reflete na pupila dilatada

A imagem de si mesmo noutra tela desfocada

Sintoniza as cores mortas em fotos e negativos

Som do batuque ecoando pelos primórdios
primitivos

Idílio do velho poeta que fez em si o próprio
exílio

Escuta o que o preto velho veio te dizer *mizifi*

E guarda a mensagem do prisma cibرنético

Desviando a luz oblíqua de seu destino
incerto

Faz das palavras do velho as bases do novo
contrato.

E veja que um raio de luz sobre o concreto é
sempre a sombra do infinito no abstrato

O Nada

O nada, além de não servir,

não se estraga,

não se armazena, não some,

não é algo que se consome.

O nada não vale nada

silêncio pra ele é risada

o bem, o mal, uma piada
sobre a coisa revelada

o nada não se encaixa

não se perde nem se acha

não é a coisa, mas o encaixe
se o procura, não ache.

Não é chave, desenlace

ou novelo que se desembarace

o nada não tem porta,

sinônimo ou algo que o valha.

que nada! o nada é uma navalha afiada.

O Todo

O todo como conjunto
de todos os conjuntos.
O nada como assunto
para dizer que o todo
é por demais astuto
em seu desejo resoluto.

Ser o conjunto de muito
Azulejo e rejunto
Ser o conjunto de muito
Queijo e presunto
Ser o conjunto de muito
Segundo e minuto.

O todo como conjunto
De todos os conjuntos
É a garantia que há algo
Que tudo contém sem ser
contido.
O nada é a consciência que
nada
em lago tranquilo, refletida
na superfície
de um espelho invertido.

Pois pra ser o conjunto de
todos os conjuntos
É necessário que se
esqueça
de si mesmo como conjunto
E junte as cinzas das sobras,
Disto que escapa do todo e
que é luto.

dna partitura

viemos do mesmo ritmo
vibrante corda obscura
acorde nos tocam vínculos
instrumentos de captura

viemos da junção sintética
vínculo seita que se articula
em onda a proteína rítmica
em cultura se in natura

Dado empírico

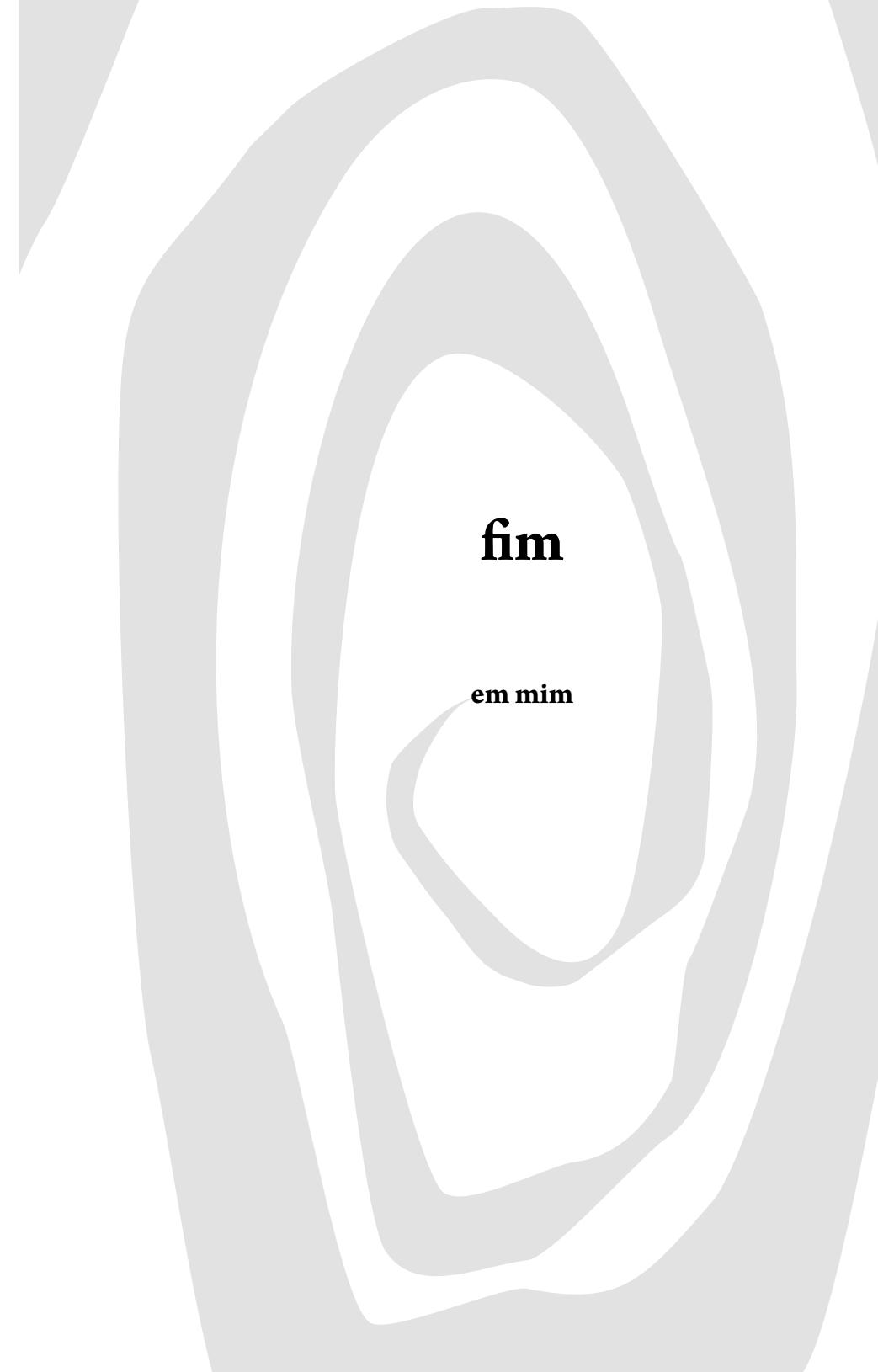
o dado empírico: não existimos.
a revolta: construímo-nos.
e nos fazendo nos redimimos
do equívoco de existirmos.

pelo torto endireitamos: prisma.
o que do olho entortecido fisga:
anzol, alhos, baralhos...rima:
ambígua anti-prova do cisma.

entre o ser que existe e o ser que olha
o que conclui vive difícil escolha
entre o que se nega e o que lhe acolha
e lhe imponha regras, ritmos e caolhas.

e em meio ser sendo visto por meio olho.
um ser inteiro pode se tornar bisonho.
assim é que eu penso, pensamos, sei lá, me
imponho,
o nós do ser agora sou eu quem sonho.

e se lê o fado em dado empírico
um algo lhe confunde o espírito
como se lhe falhasse o dicionário
ou a cadênciâa cósmica do delírio.



assim o dado é sonho
realidade e equívoco
labirinto com o qual minto
e explico aquilo que omito

tipo uma falsa hermenêutica brega
que do inesperado lhe prega uma peça
e desvenda, sob o oculto do que se deseja,
o que te revela e te cega.

ou um desdobrar tilintante
de oxímoros delirantes
algo que o futuro no antes
venha registrar sobre o instante.

rima: dado empírico do que se exprima

fim

em mim

Reencarnaçāo

Meu espírito hipócrita
Brinca com a criptografia
Que decodifica na múmia
A mensagem do eterno
Cadáver descavado
Da pirâmide em que hiberno

Minh'alma cansada
Nem pensa em metempsicotizar
E a fumaça exalada
Esta sim vai ficar
Impregnando o ambiente
E não há incenso que resolva
Este aroma de morte iminente

Mas a morte é esta coisa imprecisa
Que decide sem culpa
A altura do sujeito
Que pensa que a morte
É sua por direito
Mas a morte é dela mesma
Ela mesma se consome
E morre em cada morte morrida
Como o atleta

Que treina em sonho
O percurso da corrida

A morte se sonha em vida
E cada enterro é um encontro
desapego em despedida
Mas porque quem vai já esteve
Então não foi
E a vida então nos deve
E como dói esta dívida

A reencarnação seria então
Este crer diário
Que a gente paga a prestação?

Destino

certo é o destino
e na encruzilhada do poema
uma vela, uma galinha
e a certeza de vingar a morte
em cada linha

Problema sério

Eu tenho um problema sério
isto não é mistério
pra quem me conhece bem

Penso demais nas coisas
vejo formas nas nuvens
isto é o que me convém

Já rezei sem compromisso
Fausto a espera de um Mefisto
qual é o horário do trem?

Que me leve proutro lado
lá pro círculo quadrado
lá enfim o meu amém.

Tarde no shopping

consumo o ato reificado
pensamento que pesa
contra o mito conjugado

vou ao shopping e piro
Pirro não daria razão a ninguém
Ninguém dá saúde pro meu espirro

Mergulho no rebatimento oculto do grito
Em que compartimento o vulto do orgulho
solicito?

Talvez na seção dos poetas malditos.
A estante, o instante, o dilettante:
A morte confere a todos o estatuto do rito

Testamento

assino o testamento
meu cadáver
enterrem sem lamento

assino o testamento
não procurem
meu assassino é o momento

assino o testamento
deixo meu corpo
para o pensamento

Mangue

quando eu morrer
suguem meu sangue
e me enterrem no mangue
darei um último beijo
na boca do caranguejo
e afundarei no brejo
do meu desejo

Morte

Os fios de cabelo enfim
crescerão sem mim.

Linha da vida

a linha é infinita imaginada
menos que um plano
mais que nada

a linha se enrola pra dentro
em espiral.
Segui-la, tonto,
até o ponto final.

Ir é voltar pelo avesso
Voltar é ir em tropeço
E entre idas e vindas vamos
Mas voltamos pro começo.



apoio

realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

